

## H(A) LÍNGUA

### Manifesto de Provocação

Em 1971, Jacques Lacan comete um ato falho do qual extrairá inúmeras consequências: ao referir-se ao famoso dicionário de filosofia *Lalande*, num lapso pronuncia “*lalangue*”, que em francês é homofônico a “a língua”. A partir de então Lacan cria o neologismo “*lalangue*” com o qual passa a operar enquanto a dimensão da linguagem que realmente tem a ver com o inconsciente: o inconsciente real. Observe-se que em *Lituraterra*, alguns anos antes, Lacan já havia anunciado que o discurso analítico remete antes à homofonia e à homonímia do que à etimologia, esta última sendo da ordem do discurso universitário.

Desde essa formulação de *alíngua*, entretanto, várias questões se impõem aos linguistas e psicanalistas, já que Lacan havia ao longo de seu ensino, afirmado inúmeras vezes que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, ou seja, determinado pelo significante, sendo esse a causa do gozo, cuja incidência no vivente produzirá a extração de um objeto, definido por sua vez como objeto causa de desejo.

Brincando com sua língua materna, portanto, Lacan fala sério e toca no ponto fundamental da intersecção entre Linguística e Psicanálise. É verdade que em alguns momentos, a partir dos anos setenta, esboçou-se uma certa oposição entre a Linguística – ciência que tomaria a linguagem como instrumento de comunicação – e *Linguisteria*, outro termo forjado por Lacan para abarcar o que da linguagem se refere ao inconsciente e, portanto, ao discurso da histórica. Mas é igualmente verdade que em vários de seus Seminários pós anos setenta, encontramos novamente um Lacan revisitando a linguística e, inclusive, renovando sua leitura de Saussure e sua interlocução longa e frutífera com Jakobson, presente desde o início de suas primeiras elaborações.

Aliás, a esse respeito, é muito importante ressaltar que, para Lacan, a linguagem jamais se restringiu a um mero instrumento de comunicação e, justiça seja feita, é fundamental também não

subestimarmos os linguistas a esse respeito. Muitas reflexões, nas Ciências da Linguagem, buscaram explicar as mudanças de afinidades epistemológicas da Linguística e as transformações que afetaram sua rede de alianças teóricas. O objeto da linguística, um ponto sensível na história de sua epistemologia, não é uma construção delirante: o próprio da linguística é o real da língua (formulação importante de Michel Pêcheux, em 1982).

Essa formulação, que desorganiza a relação da linguística com as Ciências Humanas e Sociais, abre o conhecimento linguístico para um processo de desterritorialização da noção de língua. Ligar a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia e a ideologia ao inconsciente são questões que atravessam e constituem teoria e política nas Ciências da Linguagem. Frente ao real da língua, a língua capaz de falha, reivindica-se o real da história: o equívoco é a falha da língua na história, na sociedade. (A)língua serve para comunicar e não comunicar.

Em *O aturdito* (1972), Lacan propõe uma articulação bastante complexa entre linguagem, língua e *alíngua*: “o inconsciente, por ser ‘estruturado como uma linguagem’, isto é, como a *alíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu trabalho, o real de que não há relação sexual – se depositou ao longo das eras”.

*Alíngua* enquanto língua gozada, impõe uma série de questões às quais essa publicação se propõe a debater.

Em *O Amor da Língua*, obra em que se pode localizar um dizer primeiro sobre *alíngua*, há três suposições de Milner que se resumem em uma questão: o que é a língua se existe a psicanálise? Pode-se daí construir uma série: O que é a língua se há lapso, se há sonho, se há chiste, enfim se há o inconsciente? O fato de haver *alíngua* é da ordem do incontrolável do significante, da pura combinação do discernível, pois a relação do homem com a linguagem é única. *Alíngua* é assim exceção, algo exorbitante na relação entre língua e linguagem. Tudo não se diz. Há o impossível. Há real da língua.

*Alíngua* é um o modo funcionar e viver em cada língua, pois a língua é uma figuração de *alíngua*. Numa língua, aquilo que quebra, que corta, isso convoca *alíngua*, lugar onde há saber que não se sabe.

*Alíngua* é o funcionamento antes da palavra, já que começa pela indistinção sendo, assim, causa material de todo discernimento. E a partir das últimas formalizações lacanianas com o nó borromeano, podemos afirmar que ela é o real do nó, lugar de bifurcações e encruzilhadas. Isso, porque o nó é um evento contingente, e a contingência é a matéria de que se tecem os nomes.

*Marcos Aurelio Barbai*  
*Ana Laura Prates Pacheco*